

Raquel M. M. Fernandes



*Coisa de outro mundo!*

- A aventura de criar uma aventura -

# Capítulo I

Era uma vez um menino chamado Pedrinho. Pedrinho era uma criança feliz e adorava brincar com seus amigos na escola, mas não gostava da aula de Português. A professora, tia Fátima, vivia pedindo para que as crianças escrevessem textos, mas ele nunca entendia muito bem o motivo. Pedrinho também não tinha ideias sobre o que escrever e sempre criava textos pequenos. Quando conseguia escrever cinco linhas, era muito! Mas a professora não entendia. Sempre brigava e dizia que precisava imaginar e escrever mais.

- Mas escrever texto é coisa de outro mundo, professora!
- Como pode isso, Pedrinho? Escrever textos é a coisa mais legal do mundo!
- Só se for do seu mundo, professora!

Pedrinho bem que achava a professora meio esquisita, um pouco parecida com um extraterrestre mesmo.

- E como dever de casa, vocês terão que escrever um texto narrativo. Vocês lembram que o texto narrativo é aquele que conta uma história, não lembram?

Pedrinho, indignado com mais uma tarefa, foi para casa aborrecido naquele dia. E no caminho para casa, decidiu que não ia fazer esse dever.

Ao chegar em casa, tomou banho, lanchou, contou para sua mãe como foi o seu dia na escola e depois foi jogar seu jogo preferido no pc. Pedrinho fez tudo isso sem se dar conta de que utilizou um monte de textos narrativos ao longo do dia.

Pedrinho já tinha passado por 37 disputas no seu game quando de repente avistou uma luz sinistra na janela do seu quarto. A luz foi se aproximando, tornando-se mais intensa e o menino, que já não enxergava mais nada, começou a procurar a origem daquela luz. Para sua surpresa, Pedrinho encontra um alienígena saindo de uma nave espacial e pulando em seu quarto.

O alienígena era verde, gordinho e dentuço e não lhe causou medo. Tinha uma aparência dócil e amigável. Tufinho, o cachorro de Pedrinho, ficou bastante incomodado e começou a latir.

- Olá, Terráqueo! - Diz o alienígena saltitante.
- Oi! Quem é você? - Responde Pedrinho, interessado.
- Eu sou a Nat! Fiquei sabendo que você falava mal de um outro mundo - Exatamente esse do qual eu vim - mas lá existem muitas

possibilidades e muitas coisas incríveis podem acontecer! Eu gostaria de apresentar esse mundo a você.

- Ai meu Deus, socorro! Eu não quero ser abduzido!
- Fique calmo, Terráqueo. Será apenas uma visita e tenho certeza de que você vai adorar! Nesse mundo, todos somos realeza e temos o poder de escolher o que vai acontecer!

Nat parecia ser bem legal, o que fez Pedrinho relaxar por um instante. Ele então aceitou a proposta. Pulou na nave e então foram subindo pelo céu. Pedrinho ficou fascinado com o tamanho do céu e com a quantidade de estrelas. Para ele, todas as coisas lá em baixo pareciam formiguinhas, até a hora que não conseguia mais ver a Terra.

- Nunca imaginei que um dia eu andaria de nave espacial! Que maneiro!
- Aproveite bem a viagem, Terráqueo. Cada vez que nós vamos a algum lugar somos um e quando voltamos somos outro; por isso, todos os caminhos são presentes da vida.
- E qual caminho estamos seguindo?
- Um caminho próximo da Galáxia anã do cão maior.

Pedrinho deu uma gargalhada e então voltou a contemplar o espaço. A velocidade e o desconforto da viagem lhe atingem, pois estão viajando a 299 792 458 metros por segundo e algumas coisas no espaço não se ajustam muito bem aos corpos humanos. Mas até que Pedrinho achou legal gravitar.

## Capítulo II

O planeta de Nat é um grande jardim florido. Existem muitas flores de muitas cores e formatos que não existem na Terra. Algumas têm cheiro de jujuba, outras têm cheiro de pasta de dente. Algumas plantas parecem fórmios, mas na verdade são batatas-fritas.

Existem borboletas por toda parte, mas em número ainda maior são as lagartas. Existem lagartas tímidas, sorridentes, grandes, pequenas e coloridas. Algumas andam de cabeça pra baixo. Alguém que nunca foi lá antes poderia achar que se trata de um desequilíbrio ecológico, mas na verdade o Ecossistema está em perfeita harmonia. As lagartas são as metáforas da natureza.

- Chegamos, Terráqueo!
- Nossa, esse lugar é mesmo muito interessante!
- Então fique à vontade para conhecer e aumentar seu imaginário!

Dito isso, Nat sumiu como num passe de mágica e Pedrinho ficou sozinho e sem saber o que fazer.

## Capítulo III

As ruas daquele planeta não eram bem ruas, eram caminhos de grama verdinha. Não havia semáforos nem sinalizações. Todos sabiam muito bem para onde estavam indo. Pedrinho andou por horas admirando a paisagem. Existiam muitas fontes e lagos e balanços que pendiam do céu. De lá, era possível ver muitas estrelas e coisas coloridas pelo restante do universo. De tanto andar e contemplar, Pedrinho não prestou atenção por onde ia e foi parar em uma grama sem saída. Inesperadamente, lagartas começaram a surgir pelo entorno. Pedrinho não sabia como nem porquê as lagartas surgiam e desapareciam. Ao se aproximar, percebeu que as lagartas o queimavam. E quando ele tentava fugir, elas o seguiam!

- Mas o que eu faço agora com esse monte de lagartas? - Pensou Pedrinho enquanto corria pela grama.

Nesse momento, Pedrinho percebe a presença de um pássaro amarelo cantarolando em uma árvore. O pássaro então diz ao menino:

- Em vez de correr, gritar e se desesperar, por quê não tenta entendê-las?
- E como posso tentar entender uma lagarta? - Responde o menino. Pedrinho então balança a cabeça confuso. Como é capaz de entender um passarinho e não entender uma lagarta? - UAU! Você é um pássaro falante!
- Terráqueo, essas lagartas são metáforas da natureza!
- E o que essas metáforas estão tentando dizer então?
- Que a inspiração é viva e pode estar em toda parte. Aqui a inspiração tem forma de lagartas. As lagartas podem estar na rua, na escola, no cachorro, na sala de casa ou até mesmo na orelha da sua avó. Elas não tem dia nem local certo pra aparecer. Você precisa estar atento. Veja ao redor quantas lagartas, isto é, quantas ideias estão por ai esperando para serem encontradas!
- Então todas essas lagartas são uma inspiração?
- Sim. As coisas não nascem prontas. As ideias também não. As ideias são um potencial. Precisamos cuidar das lagartas para que as borboletas voem narrativas.
- Mas elas estão me queimando!
- Quando você se mostra aberto, comprometido, flexível e curioso com o mundo, as ideias vão até você. Se você escolhe uma ideia e cuida dela, ela se torna sua então você pode deixá-la voar pelo

mundo. Se você não dá atenção pra sua ideia ou trata ela com indiferença, ela pode lhe queimar. E quando a gente encontra uma inspiração e não cuida dela, ela morre. E nunca voa pelo mundo.

O menino, que não tinha escolha, olhou para uma lagarta - a mais desengonçada de todas - e fez um pacto com ela:

- Eu prometo que vou cuidar de você até você voar!
- Parece que vai ser uma bela narrativa esta lagarta - Disse o pássaro voando.
- Ei, não vá embora! Eu não sei cuidar de uma lagarta!
- Mas eu preciso ir! Tenho muitas canções para cantar. Alimente a lagarta com o melhor de sua imaginação.

## Capítulo IV

Pedrinho foi caminhando com sua lagarta pelas gramas do mundo da narrativa. Sua lagarta estava morrendo de fome, mas ele não sabia o que fazer. De repente, encontrou uma placa com uma estrela colorida girando muito feliz. Ao se deparar com a placa, a estrela lhe dirigiu a palavra:

- Coitada da sua lagarta; está faminta!
- É. Como faço para alimentá-la?
- Veja bem, Terráqueo. As lagartas-narrativas aqui do mundo da narrativa precisam de cinco vitaminas. São cinco nutrientes essenciais que compõem a estrutura para que ela possa existir. Esses elementos vitais para as lagartas-narrativas podem estar em toda parte. Basta que você encontre e dê vida com as suas palavras. Escolha uma direção e use as melhores palavras que você conhecer!
- Na verdade eu acho que ainda não estou pronto para cuidar dessa lagarta.
- Ora, e quem está? Só o infinito está pronto. Vamos logo! Escolha uma direção e vá. O caminho se faz ao caminhar!

Pedrinho então entendeu que sua lagarta era uma metáfora e que alimentá-la com os nutrientes necessários era um processo necessário para criar a sua narrativa.

Pedrinho olhou para a estrela e descobriu cinco caminhos: o do personagem, o do cenário, o do objeto, o do transporte e o da missão. Depois de uma breve reflexão, Pedrinho resolveu começar pelo personagem. Pedrinho lembrou que o personagem é um elemento fundamental na história. Não se pode contar uma história sem que ela ocorra na vida de alguém ou de alguma coisa. Mas será que Pedrinho conseguiria mesmo alimentar a sua lagarta e criar a sua história?

## Capítulo V

Na sua aventura de criar uma aventura, Pedrinho caminhou pelo mundo da Narrativa e encontrou o que lhe parecia ser uma grande fazenda. E nessa fazenda, existiam duas lindas árvores: uma macieira e uma laranjeira. Pedrinho caminhou até as árvores e decidiu colher algumas frutas para sua lagarta. Pedrinho não tinha mãos suficientes para segurar tantas frutas que começaram a cair quando ele se aproximou da árvore. Então ele resolveu dar uma volta no entorno e procurar alguma coisa que pudesse guardar algumas frutas. Assim, sua lagarta ficaria bem alimentada. Pedrinho então avistou uma casa e resolveu entrar. Na casa, existia uma vovó alienígena preparando um chá de maçã. Pedrinho conversou com a vovó uma tarde inteira. Ela lhe contou histórias engraçadas sobre o mundo da narrativa. Ao final da tarde, ela ofereceu a Pedrinho um objeto emprestado.

- Posso lhe emprestar alguma coisa para que coloque as frutas da sua lagarta.

Pedrinho deu uma olhada na sala e a princípio não encontrou nada que pudesse lhe ajudar. Era uma sala bem colorida com móveis bem parecidos com os que existem na Terra. Havia sofá, tapete, televisão e uma estante cheia de livros. O lustre parecia uma lua amarrada numa corda de prata. Algumas plantas dançavam animadas no canto da sala - no mundo da narrativa, tudo ganhava vida.

No cantinho da sala perto da estante, Pedrinho avistou uma cesta e com uma expressão de enorme felicidade, ele exclamou:

- É isso! Vou colher as frutas e colocá-las naquela cesta!

Pedrinho agradeceu a vovó alienígena e saiu correndo em direção às árvores. E então algo mágico começou a acontecer. Cada fruta que caía da árvore tinha um desenho. Como eram muitas frutas, Pedrinho viu muitos desenhos e percebeu então que cada desenho representava uma possibilidade de personagem para compor a sua história. E foram muitas possibilidades!

Pedrinho viu duendes, vampiros, lobisomens, bruxas, zumbis, alienígenas, sacis, curupiras, mulas sem cabeça, fadas, ogros, botos, plantas animais e até seres humanos. Tinha escravos, índios, cangaceiros, piratas, jogadores de futebol e mais de quarenta ladrões! Nesse momento, Pedrinho encontra um tablet. Nele, estava escrito: “HD externo para o cérebro”. Pedrinho então usou o tablet para guardar seus rascunhos de pensamentos.



Pedrinho decidiu que seu personagem se chamaria Nabur. Nabur era um vampiro de 578 anos com pele enrugada e olhos caídos. Nabur tinha unhas enormes e como características, Pedrinho digitou muitos adjetivos como impiedoso, rancoroso e relapso. E então decidiu que Nabur era tão relapso, que esquecia de morder as próprias vítimas. Depois de um tempo, Pedrinho sentou e olhou orgulhoso para Nabur. Estava tão entretido criando seu vampiro que nem sentira o tempo passar.

De repente, Pedrinho se deu conta de que sua lagarta sumira e pôs-se a procurá-la. Ele a encontrou descansando ao lado da cesta de frutas, agora vazio. Pequenos pedacinhos de casca estavam sobre ela e Pedrinho, com muito medo de tocar, tentou tirar. Para sua surpresa, a lagarta não estava mais lhe queimando. Assim, Pedrinho aprendeu que quando cuidamos da nossa inspiração para que ela possa se transformar e voar pelo mundo, ela não nos queima mais. Ela se torna nossa amiga.

## Capítulo VI

Pedrinho deixou sua lagarta tirar um cochilo, mas quando ela acordou, ela voltou a queimá-lo. Estava novamente com fome, então ele resolveu caminhar novamente em busca de mais nutrientes para ela. Então Pedrinho voltou até a placa giratória e pediu que ela o ensinasse o caminho para um novo nutriente que o inspiraria a criar um cenário para sua narrativa. O cenário é o local onde se passa a história. Não parece ser difícil.

Depois de andar por alguns minutos, Pedrinho avistou ao longe um local enorme com diferentes tipos de plantas. Pela disposição do solo, parecia ser uma grande área de hortas e plantações. Pedrinho resolveu continuar o caminho até lá e procurar couve para sua lagarta. Pedrinho sentia o cheiro das cercas de chocolate e também um leve ardor vindo de sua lagarta, que estava já com tanta fome e se sentindo tão ameaçada e exposta naquele local desconhecido, que não parava de exalar suas toxinas.

Na plantação havia diversos tipos de hortaliças mas Pedrinho não encontrou couves. Como sua lagarta o acompanhava de perto, ele colheu algumas hortaliças e a ofereceu. Ela recusou todas! Também não quis comer aspargos, bortalhas, rúcula, muito menos taioba! Pedrinho finalmente chegou numa grande área com uma plaquinha escrito “couves”. Sua lagarta parecia animada com as couves, porém as couves estavam minimamente tenras. As plantas ainda não tinham se desenvolvido o suficiente, então a lagarta voltou a ficar triste. Mas Pedrinho, esperto, lembrou-se que fora da Terra era diferente e imaginou que não levaria muito tempo até as couves crescerem. Mas é claro: no mundo da narrativa, tudo é possível!

- Calma, lagarta. Essas couves não vão demorar muito a crescer. Vamos esperar.

Pedrinho esperou dez, quinze, vinte minutos e as couves continuavam do mesmo tamanho. E agora, o que faria?

Pedrinho não sabia o que fazer e tentava imaginar o que faria uma couve crescer mais rápido. E então lembrou-se que precisava de água e adubo. Pedrinho resolveu dar uma olhada em volta para ver se conseguia achar.

Ao longe, havia uma manada de vacas alienígenas. Pedrinho então encontrou todo o adubo de que precisava. Com o auxílio de uma pá, colheu todo cocô que podia. O cocô das vacas alienígenas tinha as sete cores do arco-íris e cheiro de tuti fruti. Nem foi tão ruim quanto ele pensava!

Pedrinho então adubou as couves e esperou. E as couves continuaram sem crescer.

Pedrinho de repente viu as couves chegando para o lado e esticando seus

bracinhos para receber a luz do sol. Era isso! Elas estavam tentando fazer a fotossíntese.

Pedrinho sabia que a fotossíntese é um processo em que alguns seres vivos captam a energia solar e produzem um tipo de açúcar chamado glicose, que é essencial para eles conseguirem energia. Na fotossíntese as plantas absorvem do solo a água e os sais minerais através de suas raízes; através de suas folhas absorvem o gás carbônico e captam a energia do Sol.

Pedrinho viu que as couves esticavam seus bracinhos na direção do Sol, mas logo desistiam. Era isso! Faltava um elemento muito importante: a água! Sem água, a planta não consegue produzir o seu açúcar e eliminar o oxigênio no ar. Pedrinho correu para procurar água para as couves. Não encontrava nada que pudesse ter água. Não havia torneiras nem lagos nem regadores com água. Todos os regadores que encontrou pelo caminho estavam vazios.

Pedrinho andou por toda a plantação. Além das hortaliças, viu girassóis, moinhos, um espantalho e uma enorme planta carnívora. Da planta carnívora, Pedrinho logo tratou de se afastar, com medo que ele e sua lagarta fossem devorados por ela. Pedrinho andou, andou e não encontrou sequer uma gota de água.

Depois de muito andar, Pedrinho voltou para a área das couves na esperança de que os brotinhos já crescido. Mas nada! Pedrinho deu 57 voltas pela grande horta e não encontrava água. Ele sentiu muita raiva e até chorou. Estava doido para voltar para casa!

- Não é possível. Todas essas plantas e nenhuma água. Como esses alienígenas regam as plantas?
- Regamos com água mesmo - Respondeu um espantalho.
- Você fala?
- Todo mundo aqui fala. Dã. - Respondeu o espantalho, indiferente.
- Você pode me falar então como eu consigo água?
- Existe um grande poço e nele pode ter muita água. Você pode ir buscar!
- E onde está este poço que eu não vi?
- Está sob os cuidados da guardiã da horta.
- E quem é a guardiã da horta?
- A planta mais antiga, poderosa e gentil da horta. Ela é uma fofa e cuida de todos nós com muito amor. Sempre nos protege dos invasores hostis. É uma planta exuberante, de uma beleza estonteante!

Pedrinho logo soube que a planta mais poderosa e gentil de um jardim só poderia ser uma Rosa. E claro que ela protegeria a todos dos invasores hostis com seus espinhos. Pedrinho agradeceu ao espantalho e saiu correndo em direção às rosas que tinha visto. Chegando na plantação de rosas, Pedrinho se deparou com um grande problema. Esquecera de perguntar ao espantalho qual das rosas era a guardiã. Como estava cansado de tanto andar, resolveu

perguntar uma por uma.

- Olá, você é a guardiã da horta?

Para sua surpresa, nenhuma rosa lhe respondeu que sim. Pedrinho sentiu vontade de chorar novamente quando foi surpreendido pela voz mais doce que já ouvira em toda sua vida.

- Não chore, Terráqueo, sou eu a guardiã da horta!

Pedrinho tomou um susto ao virar-se e descobrir que a voz era da planta carnívora que estava a apenas alguns metros de distância dele.

- Mas você? como assim? O espantalho disse que guardiã era uma planta fofa e gentil!
- E você não acha que eu sou fofa e gentil?
- Mas é claro que não! Você come as pessoas!
- Eu nunca comi uma pessoa! Que blasfêmia - Disse a planta com uma expressão de indignação. - Quem lhe contou tamanha mentira?

Nesse momento, Pedrinho se surpreendeu. Ninguém havia lhe contado sobre isso, mas era algo que ele sempre percebeu. Todos os filmes de terror e jogos que ele conhecia retratavam as plantas carnívoras de forma completamente assustadora.

- Na verdade ninguém me contou... - Disse Pedrinho, cabisbaixo.
- Então você está me insultando? Como ousa me insultar desta maneira? O que eu fiz para ser tratada com tamanho desrespeito?
- Me desculpe. Estava com uma ideia errada a seu respeito. Achei que você comia pessoas.
- Eu não como pessoas. Por que eu comeria pessoas? - Disse a planta, pensativa.
- Eu não sei. Sempre achei que plantas carnívoras fossem más.
- Eu não sou má. Sou uma planta feliz e muito sorridente. Aliás, deixe eu me apresentar: meu nome é Dionéia.
- Legal, Dioneia. Eu sou o Pedr.. - Pedrinho hesitou, mas estendeu a mão.
- Não tenha medo de mim! Meus lóbulos não vão fechar você.

Pedrinho então apertou a mão de Dionei e contou toda a história. Dioneia, como era fofa e gentil, decidiu ajudar e contou para ele onde estava o poço.

- O poço está nesta direção, bem atrás de mim. Use a polia para retirar a água que precisar. Próximo ao poço tem um balde!

Pedrinho então aplicou toda sua força para realizar esse trabalho e conseguiu retirar do poço um balde cheio de água. Satisfeito, agradeceu a Dioneia e se aprontou para ir em direção à plantação de couves.

- Pedrinho, antes de ir embora, gostaria de lembrá-lo de sempre quebrar os paradigmas que encontrar em seu caminho.
- Como assim? O que são paradigmas?
- Paradigmas são modelos. É como se fossem padrões prontos sobre alguma coisa. E a gente passa a acreditar nesses padrões. Em toda sua vida você acreditou em tudo que viu sobre as plantas carnívoras e nada disso era verdade. Nunca acredite em algo sem antes questionar. Sabe por que sou a guardiã da horta?
- Por que? - Perguntou Pedrinho, interessado
- Porque as pessoas pensam como você. Elas acham que eu vou comê-las e se afastam de mim. Desse modo, nunca encontram o que precisam porque nunca entram o poço mágico.
- Esse poço é mágico?
- Sim. Dentro dele você encontra o que você precisa. Você precisava de água, então encontrou água.
- Mas por que você não me avisou que o poço era mágico?
- Ora, você não perguntou!

Pedrinho caminhou furioso com o balde até a plantação de couve. Se soubesse que o poço era mágico, teria pedido para voltar para casa. Então ele colocou a água em um regador para não encharcar o solo e regou a plantação de couve. Em pouco tempo, as couves cresceram. Estavam com uma expressão de tanta felicidade, que Pedrinho sentiu dó de ter que dá-las para a lagarta. Pedrinho se surpreendeu quando a lagarta se aproximou de uma couve grande e bonita e ela lhe disse com um enorme sorriso no rosto:

- Que meus nutrientes lhe forneçam a energia necessária. Vou me fundir a você e a partir de agora minha vida fluirá através da sua.

Naquele momento, Pedrinho pôde ver que a couve desde sempre conhecia o seu propósito, e ela se alegrava com isso. O que era mais interessante para Pedrinho é que ela não tinha medo de ser comida pela lagarta, pois sabia que sua vida não terminaria. Apenas mudaria. Talvez isso tivesse a ver com o que a professora de Ciências explicou sobre a lei de um tal de Lavoisier: “Na natureza

nada se cria, nada se perde, tudo se transforma...”.

## Capítulo VII

Aquela coisa mágica novamente aconteceu e as couves agora mostravam a Pedrinho várias opções de cenários. Tantos cenários! Pedrinho viu castelos, pirâmides, florestas, mangues, praias, savanas, cidades, campos de futebol, galáxias, parques de diversão, shoppings, cinemas, mercados, escolas, oceanos e até o fundo do oceano. Pedrinho achou que o castelo assombrado iria combinar melhor com o seu personagem, já que ele era um vampiro.

- Vampiros moram em castelos assombrados. - Pensou. - O cenário da minha história vai ser o castelo do vampiro!

Pedrinho ia fazer o rascunho no seu tablet alienígena quando lembrou do que conversara com Dioneia.

- Não! Já sei! Meu vampiro vai morar na Groenlândia!

Tomada a decisão, Pedrinho pôs-se a descrever o iglu. O iglu tinha um teto de vidro e um ofurô onde Nabur tomava banho quente com sais de banho de sangue negativo. Pedrinho escreveu sobre o formato do iglu, como era por dentro e quais móveis tinham no iglu. E assim como o Batman tem uma Batcaverna, Pedrinho resolveu chamar o iglu de Nabur de Nabiglu. Pedrinho se divertiu bastante durante um bom tempo descrevendo o Nabiglu e seu entorno. Quando se deu conta, descobriu que sua lagarta estava enorme e bastante colorida. E apesar de ter acabado de comer, a lagarta ainda estava com fome. Então Pedrinho retornou para a sua jornada em busca de mais nutrientes e aventuras.

## Capítulo VIII

Depois da estrela virando a direita, Pedrinho seguiu o caminho para criar outro elemento em sua narrativa - o transporte. Avistou páginas de histórias felizes na grama e canetas criando ilustrações na beira de um lago. Pedrinho também viu desertos e pastos e um grande parque de diversões. No parque de diversões a roda gigante era uma rosquinha gigante. Havia muitos carrosséis de unicórnios e bate-bate de carrinhos voadores. Pedrinho adorou brincar no bate-bate. Pedrinho também pôde ir ao maior escorrega da galáxia e adorou a corrida de meteoros. Enquanto isso, sua lagarta já começava a ficar esquentadinha...

Pedrinho deixou o parque e continuou caminhando. Avistou uma grande aldeia com ocas. O pajé-alien estava contando belas histórias para as crianças alienígenas em círculo em volta dele. Pedrinho aproveitou e ouviu algumas histórias. A que ele mais gostou foi a de um alienígena anão com cabelo vermelho e os pés virados que assombrava as crianças na mata.

Depois de ouvir tantas histórias, Pedrinho foi convidado pelo pajé-alien a passar a noite na aldeia. Era uma aldeia incrível que ficava na beira do maior lago do mundo da narrativa.

Pedrinho dormia muito bem até que sua lagarta começou a roncar. Depois disso, ficou difícil dormir de novo, então Pedrinho resolveu passear na beira do lago.

Pedrinho foi até o lago e se sentou bem na beirinha, mas não teve coragem de molhar os pés. Fazia muito frio! Ele se contentou em ficar apenas admirando a paisagem. Ficou ali durante um bom tempo olhando a vegetação à sua volta. Ao olhar para o céu, Pedrinho avistou inúmeras estrelas cadentes. Era algo incrível! Parecia uma grande chuva!

Pedrinho ia fazer um montão de pedidos para as estrelas quando se deu conta de que cada estrela cadente em sua cauda tinha uma coisa escrita. Ao levantar para ler, soube que todas as estrelas tinham opções de meio de transporte.

- Ué?!

Nesse momento, Pedrinho percebe que sua lagarta está bem ao seu lado. Deve ser porque as ideias surgem quando a gente menos espera - inclusive de madrugada. A chuva de estrelas cadentes não parava de acontecer quando de repente uma das estrelas atingiu Pedrinho e sua lagarta. Pedrinho caiu no chão e viu pequenas estrelinhas em volta de sua cabeça. Depois de um tempo, se recuperou da pancada e levantou. Ao levantar, procurou o seu tablet alienígena e para sua surpresa já estava escolhido um patinete verde.



- Mas que droga! Nabur não precisa de um patinete verde!

Pedrinho lembrou-se de Dioneia e então resolveu aceitar a sugestão das estrelas cadentes. Definiu um monte de coisas sobre o patinete de Nabur, como as características místicas e até mesmo sua composição.

De repente Pedrinho se deu conta de que sua lagarta estava ainda maior, mais colorida e imensamente feliz. Pedrinho não entendeu porque ela estava tão feliz e também não conseguiu procurar na internet. Mas, naquela noite, o Pajé-alien teve um lindo sonho e acordou no meio da noite. Ao acordar, viu tudo que aconteceu e então tratou de explicar a Pedrinho:

- Pedrinho, uma pessoa saudável é aquela que tem completude em todo o seu ser. É preciso cuidar e alimentar o corpo, mas também é necessário cuidar e alimentar a mente. A contemplação da natureza e a meditação sob as estrelas cadentes alimentou a mente de sua lagarta. e sua consciência se expandiu!

Pedrinho e Pajé-Alien caminharam e conversaram pelo lago durante um bom tempo e depois foram dormir novamente. Pela manhã, a lagarta de Pedrinho ainda não sentia fome. Pedrinho tomou chocolate quente como bolo recheado de Hawarditos junto com as crianças da aldeia. Depois do café Pedrinho foi aprender a caçar com as crianças e na hora do almoço comeram carne de alienguia. Pedrinho sabia que sua lagarta não demoraria a sentir fome, então se despediu de todos e continuou seu caminho.

## Capítulo IX

Pedrinho atravessou um deserto de granulado colorido e depois contornou um lago de café bem quente. Depois, finalmente chegou a uma cidade. A cidade não era muito diferente de todo o resto: os prédios eram construídos sob a grama bem verde e havia muitas flores e lagartas por toda a parte. Inúmeras borboletas voavam em bando por todos os lados. No mundo da narrativa, tudo conversa. Lá não existe *phubbing*.

De repente, a lagarta de Pedrinho avistou uma coisa que se movia de um lado para o outro. Ao olhar de preto, Pedrinho descobriu que eram biscoitos. Mas não eram simples biscoitos: eram biscoitos da sorte!

- Que legal! Quem será o chinês que trouxe isso pra cá?

A lagarta de Pedrinho ficou descontrolada e comeu uns 15 biscoitos. Pedrinho ficou se divertindo abrindo os papezinhos de cada biscoito. Ele abriu um por um e deu muitas risadas. Depois decidiu sobre a sorte de Nabur. Havia muitas opções possíveis, como ajudar o leão que não rugia, ajudar a tia Maria a resolver um problema e criar uma grandiosa obra de arte, mas Pedrinho resolveu que Nabur deveria encontrar o grande amor. Isso seria divertido.

## Capítulo X

Pedrinho então foi em busca do último caminho indicado pela estrela. Por toda essa andança pelo mundo, Pedrinho e sua lagarta já poderiam ser considerados os melhores praticantes de Trekking da Galáxia. Mas a jornada é assim mesmo: não existe atalho e nem estrada linear. Por isso, Pedrinho e sua lagarta subiram e desceram montanhas, nadaram no lago de lágrimas das nuvens cor de abóbora e então chegaram a uma propriedade sinistra onde algo terrível aconteceu.

Havia um enorme campo repleto de obstáculos. Uma terrível substância nociva às lagartas era despejada pelo ar toda vez que uma lagarta se aproximava.

A lagarta de Pedrinho quase morreu, mas ele fez de tudo para salvá-la. Como ela ainda não podia voar, Pedrinho ajudou a catapultá-la algumas vezes para que ela pudesse pular tudo que queria matá-la.

O que poderia matar uma ideia? Medo? Insegurança? A opinião de outras pessoas? Tudo isso junto compunha um terrível veneno e Pedrinho agora precisava fazer sua lagarta passar por cima de tudo isso. Ao pular cada um dos obstáculos, a recompensa foi incrível: Pedrinho e a lagarta chegaram a um lindo campo dos morangos mais doces que já provaram na vida.

A cada morango que avistavam, Pedrinho recebia inspiração para o objeto mágico de sua história. E foi assim que Nabur ganhou um precioso colar de Diamantes. Mas o que ele faria com isso?

## Capítulo XI

A lagarta de Pedrinho estava incrivelmente feliz, grande e bonita. Enquanto isso, o tablet alienígena apitava e mostrava que ela já tinha os cinco nutrientes de que precisava.

- Terráqueo, sua lagarta está doida para voar e a minha também! - Disse-lhe Nat, ressurgindo acompanhada por uma lagarta, que aparentemente estava obesa. Pedrinho deu uma risada.
- Depois de tudo isso que você resolve aparecer. AFF!
- Eu também estava muito ocupada nutrindo a minha lagarta. - Disse Nat, mostrando seu tablet a Pedrinho.
- Beleza, agora você já pode me levar pra casa?
- Nada disso, Terráqueo! Chegou a parte mais importante! É hora de libertar a sua narrativa para ela voar pelo mundo!

Nat sentou-se no chão com seu tablet e pôs-se a escrever a sua narrativa. Pedrinho fez o mesmo. O tablet foi então recebendo os pensamentos de Pedrinho e todas as aventuras que ele planejou para Nabur. Era uma grande prosa, mas tinha poesia e trovas também. Tinha humor, mistério e terror. Tinha uma mistura de coisas que Pedrinho já sabia e coisas que Pedrinho viu ali.

Tinha um pedaço de Pedrinho em cada frase, em cada palavra, em cada ação e cada descrição. Pedrinho usou adjetivos, substantivos, verbos e todas as classes de palavras que já tinha estudado. Formou períodos simples e compostos e usou muitos elementos sintáticos sem nem se dar conta.

A gramática não dá conta da experiência de contar e de viver uma aventura. Ela só organiza a transcrição. E Pedrinho nunca tinha se dado conta de que vive a vida em Língua Portuguesa o tempo todo. E de que conta histórias o tempo todo...

## Capítulo XII

Uma linda borboleta sobrevoava Pedrinho batendo as asas coloridas com cores tão vivas que parecia uma holografia do universo. Aquela borboleta era a mais linda que Nat já vira em toda sua vida!

- Você conseguiu, Terráqueo! Conseguiu libertar uma linda borboleta-narrativa. A metamorfose de suas ideias e o seu cuidado no processo trouxeram ao mundo um presente incrível: o seu texto!

Pedrinho não tirava os olhos da borboleta e não conseguia acreditar no quão lindo ela era! Estava tão extasiado com sua borboleta que não tinha percebido ainda que a borboleta de Nat também era linda. Pedrinho e Nat ficaram admirando as borboletas durante horas e brincando com elas voando sob suas cabeças. Nat ofereceu sua borboleta de presente para Pedrinho, que fez a mesma coisa com a dele. Com as borboletas trocadas, Pedrinho e Nat conheceram a criação um do outro. A história de Nat se chamava “Histórias do planeta Terra - O terráqueo que não conhecia seus poderes” e a de Pedrinho se chamava “O poderoso Rei Nabur”.

Na história de Nat, Pedrinho era um personagem. Ele era um terráqueo que não sabia que tinha o poder de contar histórias, e com elas, fazer o Planeta Terra ser um lugar mais divertido.

Pedrinho adorou saber que realmente tinha poderes...

Nat adorou a história de Nabur e prometeu contar para todos os seus amigos. Pedrinho adorou a história de Nat, e prometeu compartilhá-la na internet.

Nat decidiu que era hora de levar Pedrinho de volta para casa. Pedrinho se despediu do mundo da narrativa já sentindo saudade daquele lugar tão diferente. Ele prometeu nunca esquecer de lá e disse que Nat poderia visitá-lo na Terra sempre que quisesse.

## Capítulo XIII

De volta ao espaço, Pedrinho pôde contemplar pela última vez ali de pertinho todas as estrelas sorrindo para ele. Viu planetas dançando, meteoros correndo de um lado pro outro brincando de pique-esconde e a Lua tentando esconder suas crateras com pó de arroz. Sentiu pela última vez a emoção de gravitar e agradeceu a Nat pela viagem incrível.

- Não esqueça que a inspiração tem diferentes formas. Não esqueça que podem existir muitos tipos de nutrientes. Ah! E sempre que você achar que uma coisa é de outro mundo, faça uma teste! Vá até esse outro mundo e veja as coisas de outro ângulo. Aprender é só uma questão de experimentar. Só é difícil aquilo que a gente não conhece bem.
- Pode deixar, Nat. Obrigado pelo conselho. O próximo mundo que eu vou visitar com certeza vai ser um que tenha muita matemática.

Dito isso, os dois deram uma gargalhada e continuaram a conversar e admirar as estrelas dos mais diversos tipos, as nebulosas e muita poeira interestelar no caminho para a Via Láctea.

## Capítulo XIV

Pedrinho abriu os olhos e se deu conta de que estava em sua cama. Tufinho abanava o rabo e pulava em cima dele muito alegre. Desorientado, Pedrinho fez carinho em seu cachorro e olhou em volta para saber o que estava acontecendo. O relógio marcava 5:15 da manhã e seu personagem do jogo estava morto. Mas que diabos! Esquecera de deslogar do jogo online.

Pela janela aberta, uma borboleta voava em direção ao quintal. Pedrinho, muito confuso, não sabia se sua viagem ao mundo da narrativa tinha sido verdade ou apenas um sonho. Seria essa a aventura onírica mais real de sua vida? Ou seria sua vida a aventura mais real do universo?

Sob o caderno de Pedrinho, o lápis fluía livremente. O sentido fluía livremente. Pedrinho resolveu fazer o seu dever de casa antes de ir para a escola e contou sobre tudo que vira naquele lugar. E desde aquele dia, Pedrinho nunca mais deixou de visitar muitos mundos e experimentar muitos pontos de vista. Assim, aprendeu muitas coisas e fez muitos amigos.

E quem diria que aquele planeta anão e tão distante lhe ensinaria uma lição tão grande e preciosa: para nutrir a inspiração e fazê-la voar pelo mundo, basta cuidá-la. E encher a nossa caixinha do imaginário.